

Em terra de João e Maria, todo mundo reina um dia

Karina Nazario Moschkowich¹

Maira Fonseca²

Rosana Vieira³

Sou pedagoga e há 23 anos atuo em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Há dois leciono em uma instituição que atende crianças de 3 a 6 anos em Foz do Iguaçu, oriundas, em sua maioria, de famílias ligadas ao comércio da cidade.

No ano de 2016, desenvolvemos o projeto “Em terra de João e Maria todo mundo reina um dia”, iniciado com o desejo da turma de 5/6 anos em saber sobre as princesas. Uma turma predominantemente composta por meninas gerou brincadeiras que decorriam, sobretudo, da estrutura estereotipada de princesa. Nos momentos de histórias, lá estavam elas solicitando os contos clássicos. Nos momentos livres, as fantasias escolhidas eram de princesas.

Questionei se já haviam visto uma princesa e afirmaram citando várias princesas da Disney: Rapunzel, Cinderela e tantas outras com seus longos vestidos, cujo papel feminino é refletido em estereótipos eurocêntricos e midiáticos.

Comecei a criar interrogações, trazendo outros casos de princesa, em outros contextos. Primeiro foi a música de Chico Buarque, “João e Maria”. Na roda de

¹ Graduada em Pedagogia (USU-RJ). Especialização em Educação Criadora e coordenadora de brinquedoteca (RJ). Elaboradora de material pedagógico e de formação de professores (RJ/GO/BSB). Voluntária do projeto de extensão- Panambi: poesia para crianças; (PROEX-UNILA e Biblioteca Comunitária CNI, Foz do Iguaçu). Escritora da revista Escrita (Foz do Iguaçu, 2) Pesquisadora do Interculturalidade e Educação musical. Acadêmica do curso de Especialização do curso de Direitos Humanos na América LATina (UNILA). Aluna Especial do mestrado de Integração Contemporânea da América Latina na disciplina História da América Latina (UNILA). Acadêmica da especialização de Atendimento Educacional Especializado (UEM/UAB). Professora regente de Educação Infantil (SESC/Foz do Iguaçu- PR)

² Graduada em Pedagogia pela (USP- Rubeirão Preto). Pós graduada em Métodos e Técnicas de Ensino (UTFPR). Atua como técnica de atividades dos cursos de educação complementar e coordenadora pedagógica de Educação Infantil do SESC Foz do Iguaçu/PR

³ Acadêmica de Pedagogia (UDC/Foz do Iguaçu) estagiária de Educação Infantil (SESC/Foz do Iguaçu- PR)

conversa, discutimos sobre o que haviam entendido da música. Conversamos sobre a analogia entre heróis e mocinhas e sobre o momento em que vivíamos, no qual não era possível ter a liberdade de falar e discutir o que nos incomodava.

— Um cavalo que só falava inglês poderia comunicar-se conosco que falamos português?

— Acho que não, porque ele ia falar e a gente ia ficar sem saber. E isso não ia dar certo (crianças de 5 anos).

Ser feliz é uma obrigação? Será que princesas e reis sempre são felizes? - foram outros questionamentos. Uma das conclusões foi que se a gente estiver feliz o tempo todo não iria ter graça porque tem gente que morre e faz a gente ficar triste, tem brinquedo que quebra e também faz a gente ficar triste e com a princesa também acontecem essas coisas. Então, como os filmes e livros podem mostrar somente quando elas estão felizes?

O grupo foi receptivo à discussão e nos trouxe questionamentos importantes acerca do que é ter liberdade, de quem conquistou esses direitos para todos nós e de como houve conflitos para que atingíssemos esse patamar de democracia. Falamos sobre ditadura e princesas de outros contextos, de vários momentos políticos, princesas africanas, princesas de povoados.

Conversamos e conhecemos biografias de mulheres que fizeram parte da história do mundo, com sua força, participando de momentos que passaram a exigir direitos que existem até os dias atuais.

Esse projeto teve vida entre agosto e novembro de 2016. Ao longo desse processo, fui repensando em vários posicionamentos e questionamentos a respeito do tema.

Um dia trouxe para a hora do conto a história da princesa Isabel (“Isabel”, de Carolina Vigna-Marú. São Paulo: Cortez Editora, 2011), que conta a trajetória dela como mulher que assumia o posto de princesa em uma época em que o Brasil estava sob o comando da monarquia portuguesa. O livro discorre sobre a vida de alguém que trabalhava e estudava com disciplina e pontualidade. Mesmo com as facilidades da vida e com a titularidade de princesa, não deixou se abater e estacionar em seu posto, tendo atitudes de uma mulher de vanguarda em seu tempo.

A curiosidade foi infinita!

Será que em outros países ainda existe princesa de verdade? O que é o título de princesa? Foram alguns questionamentos. Vimos vídeos e lemos histórias de princesas reais, como a de Gales.

Mulheres que têm filhos, casam, separam, sorriem, choram... Mulheres que têm sua vida invadida por um arsenal de conflitos diários: filhos, trabalho, casa, estudo. Somos mulheres que choramos, sorrimos, trabalhamos, enfrentamos a vida como ela se mostra; somos sim, mulheres que lutam.

Nesse cenário, fizemos atividades que alinhavam diversas áreas do conhecimento em consonância de uma discussão firme e calcada em direitos, políticas e igualdade de gêneros, sociais, raças... Igualdade ao exercer a totalidade da capacidade de um ser humano em se fazer presente socialmente.

Conhecemos também mulheres africanas que ainda se mantêm em muitos lugares como pessoas segregadas, sob leis que impõem a elas formas de vida que não respeitam os direitos humanos.

Nesse caminho, construímos uma boneca Abayomi que virou nossa mascote. Criamos um círculo de conhecimentos com ela, que foi visitar todas as casas das crianças. As famílias se inseriram no projeto contando um pouco sobre a visita.

Algumas discussões projetaram conflitos como a do lápis da cor de pele. Qual seria ele? O que era cor de pele?

Uma criança pediu a um colega para colocar o lápis dito cor de pele (um tom rosado) perto do braço e disse:

--- Viu, você é dessa cor? Eu sou dessa cor? Então ele não é cor de pele.

Construímos jogos, discutimos política, inserimos arte em todas as atividades, com suas nuances, saboreamos contos e fantasias. Aprendi todos os dias como nós, adultos, somos impregnados de arbitrariedade, de conceitos estereotipados. Achamos que somos a voz da sabedoria, mas que o verdadeiro saber está na simplicidade da descoberta, na autenticidade de não confrontar saberes e forças, mas de compartilhar ideias, de aninhar descobertas.

Esse trabalho culminou com o convite do grupo Guatá, Cultura e Movimento, para dividir o espaço que eles possuem na Feira do Bosque Guarani, em Foz do Iguaçu, a fim de fomentar atividades culturais da cidade. Lá realizamos contação de histórias e pudemos, de forma sucinta, apresentar o trabalho desenvolvido pelas crianças durante todo o projeto.

A Educação Infantil é uma porta escancarada para o novo, para descobertas e familiarizações com outros contextos, inserções sociais e criticidade evoluída e aperfeiçoada diante da sabedoria de seres cheios de energias e saberes.

Atualmente, revendo o trabalho, muitas coisas eu acrescentaria ou mesmo mudaria no curso do projeto, mas como ele rendeu um lindo fruto em 2016, outras possibilidades estão existindo, transformando minha aprendizagem e multiplicando saberes em conjunto com as famílias e as crianças.



Feira do Bosque Guarani - novembro 2016



Exposição de telas pintadas pelos alunos do projeto

SESC Foz do Iguaçu – dezembro 2016